



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista.,

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP. E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

Paisagens de inverno

MANHÃ serosa e fria de novembro. A chuva fustiga com ruído e impertinencia os vidros das janellas, e o som rouco do despertador zune ainda com certa rebeldia no tympano dos ouvidos. Impunha-se-me uma pequena viagem áquella hora matinal, cuja luz fusca eu de ordinario desconheço.

Seis horas da manhã!

Vós, ó afortunados, qué tendes no leito o concheço, no lar a abastança e no cofre o superfluo: eu não sei se já vos levantastes alguma vez ás seis horas da manhã de um dia chuvoso e algente, tendo de trocar rapidamente a soporifera temperatura de um quarto de dormir pelo ambiente fresco e humido da madrugada.

Se já o fizestes, talvez sentistes, como eu, correr pelo corpo um estremecimento continuo de pronunciado mal-estar.

Arrepiava-me a espinal medulla aquelle inverno que eu julgava prematuro e insolente.

O amor pelo conforto arreigara-se tanto no meu animo, que um levantar d'estes, e em tal dia, se me afigurava como um acto heroico da existencia.

Sahí. Muito encolhido e embrulhado, pal-

milhei com inexcusable resignação o caminho da gare.

Pouca vida ainda.

O estrugir caracteristico do comboio, vomitando para os ares baforadas sujas, chamava para a realidade, para o movimento, o meu ser adormecido.

Alguns momentos decorridos, começou a desfilhar deante de meus olhos o kaleidoscopo das nossas paisagens do Minho, que no estio são tão sonhadoras e apaixonadas como a saleta côr de rosa de um castello de fadas.

Mas no inverno!

Já vistes ou melhor, já refletistes por acaso sobre uma paisagem de inverno?

Aquelle ramalhar confuso de arvores meio despidas, com os troncos desfigurados pelas chuvas, não vos deixam porventura a impressão de espectros solitarios a bracejar com a morte?

Aquellas veigas retintamente verdes, mas de um verde melancolico e sereno, ensombrado pela luz diffusa da atmosphaera, viçosas mas humidas, tão differentes d'aquelle tapete molle que no verão afaga e deleita e que agora repelle e fatiga, não são o retrato vivo da natureza altiva e selvagem, em plena e constante lucta com o homem?

Paisagens lindas mas funereas, como as flôres sobre uma campa, como o ajardinado dos cemiterios, como as perolas luminosas e

meigas sobre o collo enrugado de uma mulher esbofetado pelos annos!

Paisagens de inverno! como eu vos adoro nas minhas horas de tristeza e desalento, quando tudo cá dentro em mim parece desfazer-se n'uma *nirvana* fatal!

Como eu me deleito com o vosso desalinho, quando sinto confranger-se-me a alma e quasi fazer-se em estilhas a existencia, pensando na vossa transformação, no vosso aspecto, na vossa desgraça de seis mezes!

Ha ahí mais alguém, tão corajoso ou tão paciente, que vos recolha com prazer ou vos abraçe com carinho nas horas amargas do vosso pranto?

E enquanto estas cogitações me assomavam ao espirito, enquanto eu mergulhava, ao contemplar aquella natureza revolta, descomposta e nua, num banho saturado de intenso *spleen*, a chuva açoitava, ora violenta, ora cançada, as vidraças meio fechadas da portinhola do trem, vindo ás vezes ferir-me insolentemente na frente algumas gottas mais energicas e atrevidas.

E como que espicaçado por ellas, eu espraíava um vago olhar pelo exotico scenario que se abria a meus olhos.

Além, em cima de uma arvore esqualida e exangue, um lavrador affrontando o frio e a chuva, podava cuidadosamente umas videiras.

Mais adeante, uma camponeza rosada e forte, peitos orgulhosos e meneios gentis, conduzia na cabeça um caneco de agua, talvez para lavar as caritas madrugadoras dos pequenos que brincavam á porta do pittoresco albergue.

No meio de um pinhal soturno, musculosos trabalhadores, com as vestias quasi encharcadas pelas bategas que os surpreendiam, cortavam á enxada um mattagal virgem.

O vento continuava a sibilar-me nos ouvidos penetrando com certa furia por uma fresta da janella; e a chuva miudinha e instavel não interrompia o seu tic-tac sonoro ao cahir nas folhas amarellecidas das arvores que ainda as tinham.

Comecei então a pensar na existencia d'aquella boa gente do campo, que já agora me interessava mais do que tudo o que via.

Os seus trabalhos continuos, as suas lidas diarias, a pequenez do salario que recebem, e que afinal é o seu unico remedio, trabalhando de sol a sol, dormindo somnos intercadentes, quasi sempre perseguidos senão pela miseria ao menos pela insufficiencia, não seria esta gente digna de melhor sorte, não mereceria ella um pouco de attenção por parte d'aquelles que se dedicam aos pequenos e aos humildes?

Por isso mesmo que paira ainda sobre elles a campanula de uma ignorancia que nos envergonha, temos nós de ficar de braços cruzados sem reclamar os direitos que lhes competem?

Como a civilisação, esta civilisação falsa e prostituida, se ri de vós, ó lavradores, esquecendo-vos por completo, sem comprehender a força e o numero das vossas necessidades!

Os vossos irmãos na industria e no commercio, impulsionados por uma rajada de syndicalismo, pedem á patria que é tambem a vossa, um curto trabalho de oito horas, para ficarem depois com dezeseis de folga e distracção.

E vós, para quem as vinte e quatro horas do dia são poucas para o trabalho, não pedis nada, não reclamaes direito de especie alguma, desejando apenas que não augmentem as contribuições que sobre vós pesam, e que vos deixem em paz com os vossos campos, com as vossas hortas, com os vossos instrumentos de lavoura!

D'aqui, d'esta carruagem onde reina ainda um certo conforto, eu admiro a vossa generosidade, e lamento a vossa sina.

Decorrerão lentos os annos, virão governos sobre governos, far-se-hão leis sobre leis, e vós descereis pacificamente á terra com que sempre vivestes, no meio dos filhos que vos choram, sem ter ainda acordado a redemptora dos vossos direitos.

Tendes a desvantagem de viverdes no campo, longe das multidões inflammadas que apregoam a cada instante a apothose da Liberdade!

Não sabeis o que é uma *greve*: e ainda que o soubesseis, não a poderieis fazer, porque fazendo-a, ou rir-se-hiam de vós ou morrerieis á mingua.

Não sabeis o que é um syndicato, porque nunca vos expuzeram as vantagens do principio associativo.

Desperdiçaes inutilmente a maior parte das vossas energias, porque nunca vos fizeram sahir da rotina em que nascestes.

Já ouvistes fallar em politica: mas para vós a politica é uma madraستا egoista que só vos abraça em dia de eleições.

A Patria?

Para vós ella não é mais do que a geira de terra onde trabalhaes, a casinha de pedra ou de colmo em que viveis, a manta com que vos cobris, a estopa que vossas mulheres fiam para vos vestir.

E talvez sejaes felizes! Quem sabe?!

Talvez desconheçaes assim os espiñhos da ingratição. as luctas feias do egoismo, a falsidade repellente das classes.

Talvez poupeis á vida repetidos desgostos, e quando morreredes, levareis apenas a memoria dos filhos que vos abraçam, e da mulher que esconde a dôr nas suas lagrimas.

Pode ser que seja esta uma ou a primeira das vantagens da existencia patriarchal: morreredes em paz convosco, no remanso tranquillo da vossa casa, tendo ao lado um velho de sobrepelliz muito branca que vos leva ao coração a esperanza de um mundo onde não ha injustiça.

JOÃO SEVERO.

Dos nossos poetas

A MORTE DE JOANNINHA

(EXCERPTO)

*Ainda te vejo, pallida e formosa,
Sorrindo como Santa amortalhada
Na tua alcova pobre e religiosa!*

*Ainda te vejo... Ó tarde macerada
Em que partiste pelos campos fóra,
Para a da Morte luminosa estrada!*

*Ainda te vejo e choro!... Melhor fóra
Que os meus olhos pisados d'anciedades
Nunca te houvessem visto nessa hora!*

*Viera gente á porta das herdades,
E a lua melancolica, de cêra,
Era uma rosa cheia de saudades...*

*A tua companheira, a Primavera,
Enchia de perfumes a paizagem...
Subia a lua. Tudo emmudecera!*

*Quem comprehendera a íntima linguagem
Das arvores, das flores, da deveza,
Á tua lenta, placida passagem!*

*Nunca fogueira no meu peito accesa
Teve mais fogo, nem saudade tanta
Me pesou, como um monte de tristeza!...*

*Tu tiveste o cortejo d'uma santa,
Gente simples, os olhos razos d'agoa,
Um soluço represo na garganta.*

*A tua imagem, morta e linda, trago-a
Nos olhos, entre o povo que chorava
E não tinha palavras para a magoa!*

*E o teu cortejo lento caminhava,
E já o céu se enchia de esplendores:
— A Estrella da tarde acompanhava!...*

*As raparigas desfolhavam flores
Sobre o caixão nevado como arminhos,
Sobre a tua illusão e os teus amores;*

*Os velhos se quedavam nos caminhos
Da aldeia toda em lagrimas, — e a lua
Acordava, de clara, os passarinhos!...*

(1) JULIO BRANDÃO

(Do seu livro "Jardim da Morte,")

(1) E' um delicado e fino artista. — Os seus versos, de uma grande pureza de forma, têm um rythmo suavemente cadenciado e harmonioso. — Quasi sempre penetra-os uma tristeza elevada e serena, sem revoltas, docemente resignada e delicadamente sentida. — A essa tristeza allia-se, por vezes, um vago mysticismo. — Profundamente lyrico e de uma poesia intensamente subjectiva, diz-nos as suas emoções em versos adoraveis de harmonia, de doçura e de delicadeza.

CARREIRA DE TIRO

(Notas descriptivas)

A 3:680 metros da formosa e encantadora villa de Barcellos, no logar denominado dos Lavadouros, freguezia de Gamil, achase situada a carreira de tiro do 3.º batalhão do regimento d'infanteria n.º 3.

Corre a Carreira na direcção N. S. n'uma extensão de 600 metros, tendo que ficar invertida devido ás grandes difficuldades em se obter um espaldão que offerecesse as necessarias condições de segurança.

Encetaram-se os trabalhos da sua construcção, com o valioso e desvelado auxilio do Municipio de Barcellos, em 2 d'abril de 1905, tendo sido concluidos em 23 de febreiro de 1906.

Dirigiram com toda a proficiencia esses trabalhos os, ao tempo, srs. capitães Barbosa Pinho e Domingos Belleza da Costa. A origem do tiro é fixa, e da plataforma desfructa-se um amplo e vasto horizonte, descortinando-se ao longe o monte da Franqueira e as alturas dos Feitos; tem a carreira 2 linhas de tiro, sendo o desenfiamento feito por meio de para-balas que se encontram respectivamente ás distancias de 30 e 100 metros da origem.

No anno de 1907, tendo a Camara Municipal custeado as despezas, foi aberta, por jornaleiros municipaes e alguns sapadores do 3.º batalhão, o lance de estrada que conduz á plataforma da carreira e tem a sua origem na estrada de Barcellinhos-Remelhe.

Em 1903, ainda com o auxilio do Municipio, Associação Commercial e Governo, foi edificado o quartel (que ainda se encontra incompleto) medindo 29 metros de frente por 12 de largo com as divisorias e compartimentos precisos para se poderem alojar unidades de 50 homens.

Em 1909, sendo então director da arma de infanteria o Ex.º Sr. General Silva Monteiro, foi a carreira dotada com um telephone para se estabelecer as communicações e ligações entre o quartel do batalhão, os diversos abrigos e a plataforma.

Em 1910 construiu-se uma *marquize*, de

CORAÇÃO TRISTE

*Eu voltarei — me disse. Disse-o olhando
A longa estrada. E já de longe vi-a
'Inda com o lenço tremula acenando:
Voltarei, acenando-me, dizia!*

*Muito ao longe o seu vulto se perdia.
Brilhava o sol, os ninhos despertando.
E na estrada deserta, soluçando,
Ella volta, commigo eu repelia.*

*Um inverno passou. De novo os ninhos
Despertaram. De novo nos caminhos
O sol. Na longa estrada — quem diria?*

*Eu só. E se baixinho murmurava,
Ella não volta, ao vento que passava,
Ella não volta, o vento repelia! . . .*

RAUL MARTINS.

Do seu livro "Sislos,,

7 metros por 4, para abrigo dos atiradores civis e militares; tendo sido tambem afor-moseado o terreno na frente do edificio com um jardim.

*
* *

E' deveras para lastimar que a concorrencia do elemento civil, durante os quatro annos em que a carreira tem funcionado, tenha sido tão diminuta, visto que a media dos atiradores civis que annualmente a frequentam, é apenas de 44.

O resto do paiz enferma do mesmo mal, pois que pelas estatisticas da União dos Atiradores Civis Portuguezes, se nota claramente a mesma falta.

Que tristeza e que desolamento, estabelecendo o confronto com as restantes nações da Europa, que não se têm poupado a esforços e têm empregado os maiores cuidados em tornar os seus filhos cidadãos aptos a defenderem o seu territorio!

Oxalá, pois, que o Governo Provisorio da Republica, a quem está confiado o resurgimento d'esta patria de tradições tão nobres e alevantadas, olhe com mais attenção para este estado de coisas.

Muito e muito tem feito já, mas torna-se necessario e urgente que não descance e deixe continuar por mais tempo na maior das apathias e indifferenças o tiro civil.

Cada cidadão deve ser obrigado a tornar-se util e proveitoso ao torrão que o viu nascer, adestrando-se no manejo das armas, para assim mais efficazmente augmentar os seus meios de resistencia e poder contribuir, poderosamente, para que seja sempre sustentada a autonomia, integridade e independencia da Patria.

N. B. B.

mãos tinham abençoado e sarado muita cabeça de peccador e de leproso; mas, em toda a parte, o mordera o escarneo dos incrédulos.

E a luz, que desde moço lhe illuminava a alma, parecia bruxulear trémulamente, agonisante. Tantos passos perdidos por descampados, tamanhas caminhadas por ermos e aldeias distantes — e sempre atraz delle, como uma sombra que nem a noite sumisse, as gargalhadas sinistras dos phariseus.

Mas já a tarde descia, calma e fresca, sobre as ondas verdes, franjadas de branco.

O mar, muito tranquillo, gemia magoados



QUARTEL DA CARREIRA DE TIRO DE BARCELLOS, CONSTRUIDO EM 1908

Cliché de A. Soucasaur

Simili-gravura de M. Abreu

CONTOS

Jesus de Galiléa

SUCCEDEU que Jesus de Galiléa, depois de caminhar longos caminhos, veiu a arrastar as suas sandálias rôtas pela orla arenosa dum mar. Espaireceu os olhos, ardidos nas lágrimas que as misérias dos homens lhe fizeram derramar, e seguiu arrimado ao seu bordão, sósinho e exausto, dobrado sobre a terra, quebrado de desalento. As suas

hymnos e desenrolava e chamava a si as vagas, num vai-vem eterno como a sua força inexgottavel e suprema. Não seria elle o immenso valle que as lágrimas dos homens, durante seculos, tinham feito quasi trasbordar? E os seus soluços dormentes, os gemidos resignados de mil gerações, que um uivo selvagem por vezes rasgava?

Ao largo, colladas ao horisonte, duas vélas brancas cortavam num balouçar contínuo, as golfadas intermitentes da brisa, e singravam, entre cachões, os rolos lentos das ondas. O ceu, manchado de nuvens sangrentas, esbatia-se num doce contorno

sobre o mar ; e nada mais brando, mais acariciador e plácido, que o seu azul carregado e límpido.

A pouco e pouco, essas barcas foram abordando a terra. As vélas caíram enge-lhadas ao longo dos mastros. Entre as cordagens, ennegrecidas pelo hálito do mar e das tempestades, duas faces trigueiras de pescadores fitaram a face morena de Jesus. O seu olhar bondoso pousara nelles tão docemente como as amortecidas toalhas de luz que o sol enviava do occaso.

E desceram em terra. Tinha-se levantado uma briza ligeira. As barcas balouçavam-se n'um murmúrio sereno. O ceu, as vagas, os montes, brilhavam suavemente, na claridade amortecida do mar largo.

Jesus approximara-se dos pescadores.

Abençoou-os e perguntou-lhes o nome daquellas paragens. Elles responderam com humildade, contaram-lhe singelamente a sua trabalhosa faina, as horas de angústia nos dias bravios de tormenta, as montanhas de agua caíndo brutalmente na pópa das barcas, as rótas perigosas por paragens longiquas... E os olhos de Christo choravam a desgraça dos que a sorte desampara, a tristeza dos que a ventura esquece...

Quiz saber se todos os que viviam nessas choupanas eram pescadores. E apontava com o bordão o colmo dos casebres construídos de traves grosseiras. Em volta, num largo bosque, onde os rumores do mar ecoavam num medroso murmúrio de mystério, os grandes cedros, desempenados e quasi nús de folhas, bracejavam magestosamente os seus troncos antigos. E, no mais alto das cópas, aloiradas do sol, refugiava-se toda a verdura desbotada e melancólica dessa floresta entristecida pelas trévas. Era á sua sombra protectora que o velho logarejo vegetava pobrememente, com creancinhas sujas, pelas viélas, mulheres desgrenhadas, de cara macilenta, ás portas, e uma ou outra rez humilde pastando a herva crestada...

Elles disseram que sim, todos eram pescadores. E, ao vêrem-no tão amollecido de dó pelas suas máguas, quizeram fazer-lhe sentir a sua funda angústia de desamparados, famintos e andrajosos. Levaram-no por becos escuros a interiores de casebres, déram-

lhe a beijar os filhos amarellecidos pela fome. E ouviram-lhe dizer : « Bemaventurados os que choram porque elles serão consolados. »

E a sua figura meiga de propheta, que a barba inculta enrudecia um pouco, os seus olhos límpidos e largos, foram arrastando todas as mulheres, todas as creanças, todos os pescadores. Quem seria o santo de olhos scismadores, que os vinha consolar e abençoar, e murmurar-lhes piedosamente : « Bemaventurados os que choram porque elles serão consolados. »

Tinham chegado junto do mar. Outros barcos vinham de longe para a praia. O sol já se escondera. Na atmosphera adormecida e calma vovavam azas escuras, que por vezes, subitamente, lançavam uma mancha negra nos bulções do poente. Os cedros tambem tinham adormecido as vozes das ramagens.

E, como um hymno que esvoaça ainda muito longe e palpita trémulamente, sons que acordam e logo morrem imperceptíveis, assim a sua voz se ergueu, igual e calma, na serenidade da tarde.

« Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles é o reino dos ceus. »

As vélas dos outros barcos tinham des-cido já como se fecham as azas duma ave ferida. E mais seis pescadores se vieram juntar, emmudecidos, ao grupo silencioso dos outros.

Agora, a voz de Jesus erguera-se mais. Os seus olhos já não fitavam o ceu, olhavam a terra, mergulhando na miséria dos fracos. E elle exaltava-se a pouco e pouco, num hymno de súplicas, até Deus ; descia ao murmúrio duma prece de perdão pelos peccados dos homens ; e novamente se elevava contra a ostentação dos poderosos. Era como a voz do mar, ora rasteirinha e baixa, ora soberba e clamante, molhada de lagrimas ou ardendo em imprecações...

E, quasi arrependido das suas cóleras, logo abrandava as palavras em doces e magoados threnos de homenagem ao Senhor. Depois descia os olhos sobre a multidão :

« Sêde bons. Se tiverdes dois mantos, dae

um ao andrajoso. Mas que a vossa mão esquerda não saiba o que dá a direita...»

Morrera ha muito o dia. A sua bôca ainda os aconselhava. Todas as suas palavras eram ternas, de harmonia e de paz. E, porque a lua já vinha escalando o ceu, por entre os ramos dos cedros, lembrou-se que noutras terras, para além daquelles montes, outros homens soffriam e choravam e esperavam as misericordiosas promessas do seu verbo. Então, erguendo os braços, de mãos postas, ensinou-os a rezar, sem gritos vãos, sem profundos gemidos de dôr, simplesmente:

«Padre Nosso que estaes no Ceu...»

A lua continuava subindo, lentamente, com uma luz fria e plácida. Os cedros mudos, hirtos, destacavam-se em traços firmes no ceu clareado. O mar gemia docemente, roçando os costados das barcas. E a multidão submissa rezava, tremendo, a oração que Christo lhes ensinava e que os homens, pelos seculos fóra, haviam de balbuciar, misturando-a aos seus soluços e ás suas lagrimas.

CAMARA REYS.

(DOS CONZOS DE MARÇO)



Cartas á minha vizinha

XV

Casamentos «por dinheiro». — A inferioridade moral que elles traduzem. — A illusão da felicidade pelo oiro. — O sapateiro e o ricaço de Lafontaine. — A conquista da ociosidade. — Uma bella phrase de Renan. — Os que temem os encargos da familia. — Como a nossa educação torna pesados esses encargos. — Uma conversa de Taine com um inglez. — Enriquecer para casar e casar para enriquecer.

Vizinha:

OUVI-LHE dizer outro dia, Vizinha, que «os rapazes de hoje só casam por dinheiro».

E ao ouvir-lhe esta dura phrase, que a sua linda bocca pronunciava com despeito e com desprezo, eu tive a impressão de que

essa cruel verdade manchava, como uma nodoa escura, a nossa geração de rapazes novos.

E na verdade, desprezível geração a nossa que mercadeja a suprema felicidade da vida, a troco de um punhado de oiro, como Fausto vendendo a alma por uns instantes de juventude!

Porque, Vizinha, casar por dinheiro é renunciar á elevada ambição de construir um lar que seja *nosso*, muito *nosso*, com a *nossa* afeição e pelo *nosso* esforço, livremente, nobremente e honestamente.

E' confessarmo-nos, perante nós proprios, tão covardes para a vida que não podemos conquistar o direito de ter um lar, com a força dos nossos braços ou com o trabalho do nosso cerebro.

E' abaixar-se a gente a apanhar a esmola do dinheiro que a mulher nos traz e muitas vezes rastejar para a conseguir, simulando uma afeição que se não sente e sentindo apenas uma cupidez que se dissimula.

E ás vezes, Vizinha, como é illusorio esse brilho attrahente do oiro, que em logar de illuminar a vida a envenena e a escurece!

Quantos, illudidos, dão em troca do dinheiro a sua felicidade, a alegria e a despreocupação de viver, como o pobre sapateiro da fabula de Lafontaine!

Lembra-se d'ella não é verdade?

O remendão vivia feliz, cantando todo o dia, na despreocupação da sua pobreza sem cuidados.

Emquanto o seu vizinho, cheio de oiro, cantava pouco e pouco dormia; e quando de madrugada conseguia adormecer um pouco, vinham as cantigas insolentemente felizes do sapateiro, acorda-lo e mostrar-lhe como o seu dinheiro lhe não comprava o repouso e a alegria de viver.

O ricaço, chamou um dia o sapateiro, perguntou-lhe como vivia e, condoido da sua pobreza, deu-lhe uma bolsa com cem escudos.

O pobre, deslumbrado com tanto oiro, tanto como elle nunca tinha visto, guardou-o avaramente e foi esconde-lo na sua adega. Mas com elle encerrou lá tambem toda a sua alegria. Deixou de cantar, assaltaram-o cuidados e suspeitas, perdeu o somno. E

ao cabo de pouco tempo voltou a casa do vizinho e disse-lhe: «tomai os vossos cem escudos e tornai a dar-me as minhas canções e o meu somno.»

Assim acontece muitas vezes aos que pensam que vão encontrar no dinheiro que lhes traz o casamento, o socego, o prazer facil, a distante e doirada pedra philosophal da felicidade.

Mas ai! desilludidos, como o pobre sapa-teiro, não lhes é tão facil restituir o dinheiro e pedir outra vez a alegria e a paz de espirito que tantas vezes perderam para sempre!

.....
 Dos que casam por dinheiro, ha alguns que são levados pelo baixo desejo de comprar com o casamento a molle ociosidade, a inercia opulenta, que para elles é o supremo bem.

O seu ideal, que é o ideal de muitos, é não fazer nada. E só trabalham quando os chicoteia a necessidade, como os fellahs antigos quando os chibatava o chicote despotico dos Pharaós.

Por isso dizem, com a moral corrente, «que Deus tenha no ceu quem fez o descanso».

E' o descanso, é a ausencia de esforço, que elles vão procurar ao casamento rico.

Mas com a ociosidade vão encontrar tambem o tedio. E por mais oiro que possuam, hão-de viver sempre insatisfeitos, hão-de sentir sempre o enorme vacuo que ha na alma dos ociosos e que o oiro nunca póde preencher.

Porque, como dizia Renan, *a felicidade da vida, é o trabalho livremente accete como um dever*. Sim, *livremente accete* como um nobre dever, que todos temos, de ser uteis e não o supportando apenas como um fardo que as necessidades nos imponham.

E' bem desgraçado aquelle que não sente a alegria viril de trabalhar, e a elevada ambição de produzir. Esse não vive, arrasta-se pela vida, como um verme inutil se arrasta pela terra.

O prazer de repousar, o descanso nobremente reparador, só se consegue depois da fadiga do trabalho.

A ociosidade corrompe, dissolve, enerva.

Oração profana

*Bemdito seja o dia em que te vi,
 Bemdito seja o dia em que te amei!
 Bemdito o dia em que t'o confessei,
 Bemdito seja o meu amor por ti!*

*Bemdito o soffrimento que senti
 E as lagrimas amargas que chorei,
 Quando de ti um dia duvidei,
 Quando depois, por fim, me arrependi!*

*Venham as mãos de Deus abençoar,
 Tudo o que queiras, tudo o que fizeres
 E todos que teu coração amar.*

*Bemdito seja tudo o que disseres,
 Bemdita a doce luz do teu olhar,
 Bemdita sejas tu entre as mulheres!*

V. CABRAL.

A insatisfação que ella traz consigo, procura excitantes e só encontra para se satisfazer os prazeres doentios que mais corrompem e mais enervam.

O ocioso é como as hervas más dos campos, que não só não produzem, mas estragam em volta de si toda a seara.

O seu lar é sempre anormal, corrompido pelo vicio, envenenado pelo tedio, amargurado pelas disputas irritantes e mesquinhas.

.....
 Outros, Vizinha, dos que ambicionam um casamento rico, talvez o maior numero, são os tímidos, os que se acovardam deante dos pesados encargos da familia.

E na verdade, minha sevéra amiga, a familia portugueza é, em regra, um penoso fardo.

Se muitos rapazes da minha geração receiam supporta-lo, sem outro auxilio, sobre o sseus hombros, é na maioria das vezes por uma dupla razão:

Em primeiro lugar, com a falsa educação das nossas escolas e da nossa familia, entramos na dura lucta da vida, muito mal armados para ella.

Não temos audácia, não temos tenacidade, não temos uma instrução pratica.

O que nos serve, Vizinha, o que nós mais ardentemente desejamos, é o empregosinho e o seu ordenado certo, seguro no fim do mez, sem riscos, nem aventuras. (1)

E se não é o emprego, é a profissão litteraria, a aristocracia intellectual que ambicionamos.

A agricultura, o commercio, a industria, que são as profissões bases, apenas servem

E como succede sempre que a offerta é grande, o salario baixa. O empregado publico e o bacharel contentam-se com ordenados e lucros mediocres.

E entretanto as profissões que fazem a riqueza de um paiz: a agricultura, o commercio e a industria, na metropole e nas colonias, arrastam uma vida miseravel que se reflecte em toda a economia nacional.

E' essa uma das razões, minha despeitada amiga, porque muitos rapazes da minha



ESTRADA PARA A CARREIRA DE TIRO

Cliché de A. Soucasaux

Simill-gravura de M. Åbreu.

para os que não tem capacidade ou meios para as letras.

Por isso a nossa terra produz tão mal e tão pouco. Por isso as nossas colonias estão em tão grande parte abandonadas e entregues ao estrangeiro, como fazendas de um ocioso que as não quer nem sabe cultivar.

Por isso tambem nós temos o paiz pejado de empregados publicos e de bachareis.

(1) Diz-nos a «Lucta» de 23 do corrente que um governador civil do norte se entreteve a contar o numero de pedidos de empregos que lhe foram feitos durante um mez — Pois contou 750!! . . .

geração, empregados ou bachareis, que vivem com magros ordenados ou com pequenos lucros, tremem de constituir familia.

Sem energia, sem audácia, sem persistencia, peados por uma educação que lhes tolheu a iniciativa e a vontade, não sabem libertar-se da sua mediocridade.

Não fazem assim, por exemplo, os ingleses.

Recordo-me que li algures, em um livro de Taine, que uma vez que esse grande escriptor viajava se encontrou com um inglez, rapaz novo, que vinha para a Inglaterra. Travaram conhecimento e o inglez disse-lhe que regressava das colonias e voltava á sua patria para casar-se. Até ahí não pu-

dera pensar em constituir familia, a pensar apenas em trabalhar. Mas agora, que se considerava sufficientemente rico, já podia escolher livremente a mulher que seria a sua companheira na vida.

Entre nós, Vizinha, muitos, não pensam em enriquecer para casar, mas em casar para enriquecer.

E no emtanto, não é indifferente constituir familia, segundo qualquer d'esses processos...

Mas não somos só nós, os homens, os culpados de que hoje se desejem tanto os casamentos por dinheiro...

São contas que desfiaremos na proxima carta, se estiver ainda para aturar o

seu Vizinho :

Importuno.



Vida local

ASSUMPTOS CAMARARIOS

UMA das cousas que mais deve preoccupar e prender a attenção da imprensa barcellense, caso que infelizmente se não tem dado, é a necessidade de interessar o publico nas questões locais que se prendam com o futuro e prosperidade de Barcellos.

O saneamento da villa, abastecimento de agua potavel, reforma do systema da iluminação publica, levantamento d'uma planta geral a que obedeçam todas as futuras construcções e reconstrucções urbanas, arborisação e fiscalisação rigorosa ao modo como funcionam as sentinas das habitações e ás condições de salubridade offerecida pelos predios habitados, — são assumptos em que tem incidido a attenção do publico que serena e imparcialmente vê as necessidades locais. E para que sobre taes assumptos, de tamanho interesse local, pudessem tambem incidir a attenção dos que á frente do nosso municipio tem estado, era ne-

cessario que a imprensa local acompanhasse o espirito publico nas suas reclamações e prestasse a Barcellos o grande serviço de ser ella a collaboradora efficaz nos actos da vereação, quer discutindo os assumptos debatidos em sessão camararia, quer concorrendo para que sempre se trabalhe em proveito local.

E porque se não tem feito isso? — Negligencia, falta de patriotismo ou arrefecimento do interesse que todos devemos ter pelas cousas publicas?

Seja pelo que fôr, o silencio da imprensa nunca pôde ter explicação facil.

Não é com o silencio nem com discussões isoladas, de portas a dentro, que se resolvem ou se contribue para efficazmente serem resolvidas questões de importancia maxima, como essas que por vezes tem sido tratadas nas sessões camararias.

Não é depois de tomada a deliberação sobre determinado assumpto, que a discussão da imprensa deve incidir sobre elle, mas sim antes de tomada a deliberação, porque, sendo assim, a todo o momento é tempo de reconsiderar qualquer erro que possa commetter-se.

Por sua vez, os que tem de tomar deliberações sobre qualquer assumpto local de certo melindre, não devem toma-las precipitadamente :

A deliberação definitiva, deve ser tomada depois de elle se considerar sufficientemente apreciado e discutido pela camara, pela imprensa e pelo publico.

*

Quem tem o dever de exercer a mais rigorosa e escrupulosa fiscalisação dos negocios publicos, — levando as irregularidades commettidas ao conhecimento do publico e manifestando-se lealmente sobre todas as questões que devam ser do dominio do publico, — é a imprensa.

Nunca lhe deve ser vedado o conhecer dos assumptos d'administração publica, nem ella deve esconder ao conhecimento do publico o que este tem o direito de conhecer e ella obrigação de discutir e apreciar, a bem dos interesses geraes.

Assim, a imprensa local tem uma grande

missão a cumprir a dentro das portas dos Paços do Concelho :

E' allí, assistindo ás sessões da Camara, para depois vir communicar aos municipes e apreciar, como deve, o que lá se discute e delibera, — que ella deve estar representada.

E' orientando a opinião publica sobre o que lá se resolve, esclarecendo e guiando com a luz da discussão os que trabalham e auxiliando ou combatendo a realisação dos assumptos municipaes, que se julguem uteis ou nocivos ao bem local, que o nosso jornalismo deve exercer a sua acção fiscalisadora e ao mesmo tempo orientadora do que nas sessões da Camara se trata.

E se não tem havido discussão do que lá se tem tratado, não é porque a vereação deixe de franquear as portas do salão da Camara, onde se fazem as sessões, aos jornalistas, nem porque alguns dos assumptos deliberados e a deliberar, não mereçam as honras de uma discussão.

Pois não é com o silencio, as mais das

vezes prejudicial, nem com a discussão isolada que se orientam e resolvem questões de maxima importancia como essas que tem sido ventiladas nas sessões camararias.

Não é tambem depois de resolvidos os assumptos que a discussão se torna proveitosa e util. «Antes do mal feito, o remedio é certo»: sempre o ouvimos.

E é por isso que, inteirados d'este dever que cumpre á imprensa local e certos de que a actual vereação não repellirá, antes deseja, como nos tem manifestado alguns dos seus membros, a presença dos jornalistas ás sessões da Camara e a discussão e apreciação desapassionada do que allí se faz e discute, que nós viemos com este despretençioso artigo a incitar todos os nossos collegas locais a que prestem a Barcellos esse importantissimo serviço, que é ir assistir ás sessões da Camara e virem para a imprensa apreciar os actos da vereação e os assumptos tratados nas suas sessões.

J. S

Chronica agricola

Duas colheitas de batata n'um anno. — A plantação da batata. — As duas plantações e o seu resultado economico. — Ha outras culturas a que se pode associar a segunda colheita. — Algumas considerações.

A prova pratica experimental da segunda colheita de batata, que acaba de ser levada a effeito pelo sr. José Domenech, no nosso concelho, representa, sem duvida, alguma cousa de aproveitavel e util.

A plantação da batata fez-se logo em seguida ao arranque da primeira, espalhando sobre a terra preparada uma nova adubação chimica, que se incorporou com uma gradagem energica.

Pode empregar-se tambem o estrume de curral bem curtido, que se abafa com uma lavoura ligeira. E' conveniente, e até mesmo indispensavel, regar abundantemente toda a terra que se deseja plantar, para dis-

solver o adubo e fornecer á terra a humidade necessaria a uma boa germinação.

Parece que dará melhor resultado usar a batata franceza que o sr. Domenech empregou, por ser mais precoce. Verifiquei com a nossa batata commum um resultado um pouco inferior, o que não me pode levar a emitir qualquer opinião positiva, senão depois de fazer larga experiencia. A plantação é feita com auxilio da sachola na pequena cultura e charrua ou arado na grande. E' boa pratica fazer a escolha dos melhores tuberculos, que se obtiveram na primeira colheita, e partir a batata ao meio; operação esta que facilita extraordinariamente a germinação.

Segundo apontamentos que me foram fornecidos pelo sr. Domenech, o talhão de 600,^m quadrados que tinha produzido na primeira colheita 1800 kilos, produziu na segunda cerca de 1000 kilos. As informações que temos, dão-nos para a segunda colheita os seguintes resultados: a produção de batata foi de 1000 kilos, que ao preço de

25 reis, perfazem 25\$000 reis; gastaram-se 5\$000 reis em adubos e 4\$800 em semente; em trabalhos, sulfato, agua de rega e renda de terra, dispenderam-se 6\$000 reis, o que dá um total de despeza de 15\$800 reis. Deduzindo esta quantia á receita, vê-se que ha um lucro liquido de 9\$200 reis.

Comparando com o resultado da primeira colheita, apesar de se arbitrar o preço de 20 reis o kilo, apparece a producção de 1800 kilos, que a 20 reis dão 36\$000 reis; dos quaes, deduzidos 12\$900 reis para todas as despezas, conforme os dados colhidos, ficam ainda 23\$100 reis.

Segue-se que a primeira colheita, deu um resultado muito superior; porque não só a producção foi superior, como tambem requereu menos trabalho e dispensou a agua de rega.

Sommando as duas importancias liquidas, temos a bonita somma de 32\$300 reis de lucro em 600^m quadrados, o que corresponde a um lucro superior a 500\$000 reis por hectare. Pode dizer-se, por outras palavras, que é possivel, em alguns casos, a cultura da batata produzir o bastante para pagar o terreno.

Podemos aproveitarmo-nos d'esta pratica, para obtermos, durante o espaço d'um anno, uma colheita de trigo ou centeio e outra de batata de segunda colheita; ou uma colheita de cebola e batata; fava e batata, etc., desde que tenhamos uma terra franca, que disponha d'agua de rega em abundancia.

Por informações, sei que no Douro, já ha muito se fazem duas colheitas de batata. Comtudo, ahi, o clima é mais propicio ao perfeito desenvolvimento da batata, o que lhe dá melhor sabôr e garante uma boa conservação. Nas Canarias é essa pratica corrente, tirando ahi magnificos resultados, pela grande exportação que se faz d'este artigo para a Inglaterra. Entre nós, parece-me que embora o resultado da segunda colheita seja bastante animador, n'um meio como o nosso onde a cultura intensiva só se faz n'alguns quintaes, perto da villa, é mais viavel, que dêmos o maior e mais forte impulso á primeira colheita; porque para ella não é absolutamente precisa a

agua de rega, e aproveitemos as terras regadas com outras culturas ainda mais remuneradoras.

Entre tantas outras, podemos citar a cultura horticola e forraginosa, que nos deviam merecer especial attenção.

E. MARÇAL.



“O Irremediavel,,

Peça em um acto
De SIMÕES DE CASTRO.

TREZ personagens, um pequenino acto, e uma grande tragedia. Tão grande que o seu illustrado auctor e nosso sympathico collaborador a classifica de irremediavel.

São quinze minutos de dôr intensa e de lagrimas sentidas, originadas por umas suspeitas de amôr a morderem o coração d'um homem. E quando esta dôr e estas lagrimas se extinguem, é para renascer outra dôr mais forte, a dôr da viuvez e da morte.

Não queremos dar aqui um ligeiro resumo do entreccho da peça, para não privar o leitor curioso de ir ao proprio original colher as sensações amargas que nós lá encontramos.

Simões de Castro, com a sua compleição tragi-comica, com a sua experiencia de todas as situações da vida real, pode muito bem continuar a dar-nos apraziveis estudos de psychologia humana muito vasta e profunda de que o «Irremediavel» é uma valiosa amostra.

Oxalá que as distracções ou os affazeres lhe não paralysem a penna nervosa, afim de gosarmos em breve o prazer de lêrmos mais uma das suas primorosas producções.



EXPEDIENTE

Recebemos do nosso distincto collaborador Sr. Raul Martins o seu livro «Sistros» de que publicamos hoje um dos mais bellos sonetos.

No proximo numero faremos a sua apreciação, que omittimos agora por absoluta falta de espaço.